

Apresentação

Significado, ação e conhecimento

Este número da **Revista Argumento** reúne ensaios, artigos e comentários críticos em torno de temas como conhecimento, verdade, mente, intencionalidade, ação e racionalidade, abrangendo áreas como Filosofia da Mente, da Linguagem e Epistemologia. Esses temas são desenvolvidos a partir da perspectiva filosófica da tradição da Filosofia Analítica e do Pragmatismo.

Ora, na nossa época, a Filosofia Analítica e o Pragmatismo são dois modos, dentre outros, do pensamento enfrentar temas que, como uma sina, insistem em não querer nos abandonar (por exemplo, *o que garante nosso conhecimento do mundo natural? O que justifica nossas ações?*).

Para aqueles que estão envolvidos com a tradição intelectual da Filosofia Analítica e do Pragmatismo, quatro coisas são indispensáveis para o trabalho filosófico. Em primeiro lugar, a filosofia só é possível quando as pessoas procuram resolver alguns problemas centrais da condição humana através do discurso, da fala, da busca por melhores argumentos. Em segundo lugar, a filosofia deve dirigir-se ao presente; a história das idéias, a obra dos pensadores do passado são importantes na medida que ilustram como certas noções surgiram e como certo assunto se tornou relevante, mas a filosofia é uma tarefa praticada por homens e mulheres vivos, dedicados às dúvidas e problemas decisivos dos seus próprios dias. Em terceiro lugar, e a despeito disso, a filosofia precisa se confrontar com o passado, com a tradição, com aquilo que os filósofos mortos já disseram. Por fim, em quarto lugar, para começarmos a filosofar precisamos abandonar a presunção de que nossas idéias, sobretudo as mais importantes, como conhecimento, justiça, liberdade, são *claras*.

É possível reconhecer, de fato, na virada do século XIX para o século XX que o trabalho filosófico de Gottlob Frege e Charles S. Peirce abriu um novo horizonte para as investigações filosóficas ao associar *diretamente* nossa capacidade para conhecer e pensar à nossa capacidade para formar, dominar e usar a linguagem. Para Frege, sobretudo, se podemos conceber que conhecemos ou acreditamos em algo, como, por exemplo, que a órbita dos planetas é elíptica isso se deve ao fato de que somos capazes de compreender o que significa e as condições de verdade da frase “a órbita dos planetas é elíptica”. Perguntas que haviam sido obsessivamente perseguidas por filósofos anteriores, como “o que é pensar?”, “é possível conhecer o mundo ao nosso redor?”, “o que é o bem?” foram substituídas, a partir de Frege, por perguntas como “o que significa a palavra pensar? O que queremos dizer com isso?”, “que critérios estamos usando para dizer que conhecemos ou não conhecemos algo?”, “em que contextos usamos a expressão ‘conheço’, ‘bem’, ‘correto’, ‘deve?’”.

No Pragmatismo e na Filosofia Analítica, essa guinada carrega consigo uma grande inclinação não-metafísica, pois a pergunta sobre o significado *não é uma pergunta sobre a essência vítrea do mundo*. Se você pergunta pelo significado da palavra “bom”, você não está perguntando pela substância primeira da bondade. Essa é uma pergunta sobre como os homens e mulheres, em certos contextos e circunstâncias, entendem essa palavra. Assim também em relação ao conhecimento. E por isso, esse modo de filosofar manteve, em relação à filosofia do passado uma relação de indisfarçável reserva. Assim como os cétricos e dialéticos antigos, o que interessa não é *algo, alguma coisa* ou um *ser*, mas o *que podemos dizer*, como urdimos e usamos noções, os argumentos que somos capazes de arrolar para justificar nossas crenças.

Além disso, em virtude do fato de que essa onda teve uma grande repercussão na comunidade filosófica britânica, aconteceu um fenômeno

extraordinário. A vida universitária britânica, pelo seu histórico de espaço laico, de pensamento livre, de culto às ciências empíricas, era profundamente marcada por um tipo de prática que exigia dos seus professores e estudantes uma atitude baseada no debate contínuo entre colegas (sobretudo nos seminários e colóquios) e na busca de soluções atuais para problemas tradicionais. Por isso, os filósofos que ingressavam na universidade britânica (e depois na universidade americana) estavam obrigados a obedecer algumas regras básicas: a clareza e a sobriedade; o recurso aos argumentos; a precisão, a minúcia e o caráter explícito das teses e dos argumentos; elaboração de textos breves destinados ao debate público (o que significava o desprezo por longos tratados de 900 páginas escritos ao longo de 40 anos); a recusa de reduzir a filosofia à história da filosofia; e a recusa de reduzir o trabalho filosófico à análise exegética de livros filosóficos do passado.

Muitas pessoas identificam o Pragmatismo a uma forma ideológica de utilitarismo americano e a Filosofia Analítica ao positivismo lógico e ao cientificismo ou à análise gramatical de frases. Isso é uma tolice. De um lado, o sentido da prática, da relação entre o pensamento e o agir estão presentes na filosofia desde Aristóteles e em Kant tornou um elemento central da própria noção de racionalidade. Por outro lado, o positivismo lógico foi apenas o resultado do trabalho de grupo de intelectuais brilhantes interessados no progresso da ciência e na crise da cultura europeia e a análise gramatical é um recurso metodológico incidental, mas que já fora praticado por Sócrates, Carnéades, Aristóteles, Sexto Empírico, Santo Agostinho, Spinoza, Nietzsche etc. A única coisa *geral* que se pode dizer da Filosofia Analítica é que ela não encara a filosofia primariamente “como um corpo de doutrinas, uma série de conclusões ou sistemas ou movimentos”. A Filosofia, tanto como produto quanto como atividade, seria o trabalho de compreensão detalhada de questões, o esclarecimento do significado

de noções centrais para nossa vida, o desenvolvimento de argumentos críticos e pontos de vistas.

Entre aqueles que estiveram influenciados pelas ideias de Frege e do Pragmatismo, tanto para desenvolvê-las quanto para criticá-las, e que aprenderam a se comportar no ambiente acadêmico ao modo dos britânicos, tratam de todos os temas filosóficos tradicionais, como a moral, a experiência estética, a existência de Deus, o conhecimento, a relação entre o indivíduo e o mundo natural entorno, a influência da vida social sobre os estados mentais, enfim, todos os assuntos relevantes para as nossas vidas.

Waldomiro J. Silva Filho